

Assumir o combate pela unidade contra o racismo

Dom.
21
8
83

Recordando o exemplo de Ruth First

«Nós não cessaremos o nosso combate Ruth First. Caíste no campo de batalha, mas não caíste em vão. (...) Em nome de todos aqueles que combatem pela liberdade no nosso continente e no mundo dizemos: A luta continua e continuaremos com a tua arma. Estarás aqui presente connosco.»

(Marcelino dos Santos)

Ruth First era uma intelectual revolucionária, no verdadeiro sentido da palavra, despida de qualquer complexo, emancipada como mulher.

Todos aqueles que tiveram o privilégio de trabalhar com Ruth First são unânimes em realçar a sua capacidade de organização do trabalho, tanto para si como para os seus colegas.

Detestava «slogans», as chavões, as frases feitas, e, de acordo com o director do Centro de Estudos Africanos, Aquino de Bragança, Ruth First «não acreditava em jacobinos, querendo sempre chegar ao fundo das questões».

No quadro da luta global pela eliminação do «apartheid», Ruth First conhecia profundamente a frente teórica, o debate, as ideias, e em todas as suas análises procurava, sempre com sucesso, inculcar uma perspectiva marxista.

Jovem ainda, Ruth First integrou-se no combate anti-«apartheid», dialogou com pessoas possuidoras de uma vasta experiência neste capítulo e a sua capacidade de análise impressionava a todos.

Ela jogou um importante papel na mobilização de mais mu-

lheres para a causa da libertação da África do Sul e ocupava no movimento de libertação sul-africano cargos normalmente sob a responsabilidade de homens.

Sendo filha de pais com condições sociais desafogadas Ruth First teve o dom de solucionar essa aparente contradição entre a sua origem social e a actividade que desenvolvia na luta popular, na luta das massas oprimidas sul-africanas.

Não era com gestos ou palavras populistas que resolvia essa contradição, nem com uma falsa aceitação da pobreza, mas através do seu trabalho político, da sua participação em pé de igualdade, aceitando todos os riscos, assumindo todas as tarefas duma revolucionária.

Todas as obras de Ruth, toda a sua vida tinham uma marca: Qualidade.

Porém Ruth First não era apenas sinónimo de debate político, mas também de amor e carinho. Era casada com um conhecido militante da causa da libertação da África do Sul, Joe Slovo, com quem teve três filhos. Ela sabia rir, gostava de ir ao cinema, lia muito a literatura diversa.

Segundo a investigadora nor-



Ruth First

te-americana Bridget O'Loughlin, que ficou ferida na sequência da explosão que a vitimou, «Ruth First era uma pessoa

bem formada, bem educada, no sentido clássico», mas sempre com este engajamento político total.

Ruth First iniciou a sua actividade de investigadora no Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane em 1978. O director do Centro, o professor Aquino de Bragança, explica que, quando o Reitor da Universidade Eduardo Mondlane afluou a hipótese de se criar um Centro de Estudos Africanos em Maputo, «procurei alguém com sentido de organização e que, ao mesmo tempo, pudesse viver na tensão da luta de ideias. A Ruth era a única pessoa que eu conhecia com essas qualidades».

Ruth First tinha consciência de que a vitória das forças revolucionárias na região austral do nosso continente passava necessariamente pela consolidação da revolução em Moçambique. E ela entregou-se totalmente ao combate.

Os boers não se conformaram com esta situação, pois para eles Ruth First era uma «arma sofisticada» ao serviço da revolução moçambicana, em particular, e da luta global contra o apartheid na África Austral, em geral.

A África do Sul, todavia, olvidou uma verdade histórica: não são as pessoas, individualmente, que fazem as revoluções no mundo. O factor determinante são as massas populares. Ruth First era simplesmente um membro activo neste processo. A luta continua.

Uma pessoa pode morrer, mas um povo nunca morre.

Agostinho Chirime